

SIMPÓSIO AT 209 (LITERATURA E EDUCAÇÃO OS CONCEITOS DE INFÂNCIA E JUVENTUDE NA LITERATURA E OS DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO)

CARTAS A DONA BENTA: MISSIVAS DE JOVENS LEITORES À PERSONAGEM AVÓ DAS OBRAS INFANTIS DE MONTEIRO LOBATO¹

ROMANO, Patrícia A. Beraldo
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
paromano@unifesspa.edu.br

Resumo: Este texto pretende apresentar algumas cartas de jovens leitores que foram encaminhadas a Dona Benta ou a ela fazem referência diretamente na época em que Lobato escrevia sua saga infantil. Conhecido como contumaz missivista, Monteiro Lobato se correspondeu não só com adultos famosos, mas também com muitos leitores mirins, crianças ou jovens que se preocupavam com as histórias que o escritor produzia ou mesmo com a “vida” de suas personagens e sobre elas desejava opinar. Dona Benta, assim como Emília, foi destinatária direta de algumas dessas missivas. Outras vezes, o próprio escritor era encarregado, pelo jovem leitor e missivista, de encaminhar a Dona Benta a carta que às mãos do escritor chegava. Nosso trabalho será o de analisar algumas dessas cartas produzidas na infância ou na adolescência desses leitores que tomaram a avó mediadora de leitura como destinatária dos assuntos sobre os quais a missiva tratava e procurar entender que características desses leitores estão presentes nessas cartas. Dessa forma, procuraremos mostrar que é possível também compreender um pouco mais sobre obra e a recepção de leitura a partir dessas práticas de leitura e também de escrita. Trata-se de uma infância das décadas de 30 e 40 do século XX em contraste com a de hoje. Para isso, estamos respaldados nos estudos de Tim (2006, 2007), Romano (2017), Lajolo e Ceccantini (2008), dentre outros.

¹ Este texto é parte de um dos capítulos de minha tese de doutorado defendida na Universidade Presbiteriana Mackenzie, em fevereiro de 2017, sob orientação da professora Dra. Marisa Lajolo e também faz parte do livro *Dona Benta: uma mediadora no mundo da leitura*, de minha autoria também, publicado pela Editora Appris, em 2019.

Palavras-chave: missivas, Lobato, leitores, mediadora, Dona Benta.

Abstract: This text seeks to present the letters of young readers who were referred to the Dona Benta or she directly reference at the time that Lobato wrote his saga of a child. Known as stubborn sender, Monteiro Lobato corresponded not only with adults famous, but also with many readers of the child, children or young people who were concerned with the stories that the writer produced, or the same with the “life” of his characters, and they wanted to say. Dona Benta, as well as Emily, was addressed to the direct of some of these model. Other times, the writer was in charge, by the young reader and the sender, forward the Dona Benta, the letter at the hands of the writer was. Our job will be to analyze some of these cards produced in the childhood or in the adolescence of those readers who took the grandmother mediator of reading as an addressee of the subjects on which the letter was dealing with and seeking to understand which characteristics of these readers are present on these cards. In this way, we will seek to show that it is possible to also understand a little more about the work and the reception of the reading from these practices of reading and also writing. This is a childhood of the 30s and 40s of the twentieth century in contrast with today. For this, we are backed in the studies of Tim (2006, 2007), Roman (2017), Lajolo and Ceccantini (2008), among others

Keywords: letters, Lobato, readers, mediator, Dona Benta

1. Introdução

Monteiro Lobato foi um missivista contumaz. Dedicou boa parte de sua vida a se corresponder com muitos colegas sobre os mais diversos assuntos: literatura, política, petróleo, amor e tantos demais temas. O melhor exemplo disso temos na correspondência de mais de quarenta anos trocada com Godofredo Rangel, cujas missivas Lobato publicou em livro nos dois volumes de *A Barca de Gleyre* (1944). Também recebeu muitas cartas de seus jovens leitores que gostavam de comentar sobre os livros, sobre as personagens ou mesmo dar palpites sobre determinadas obras que o escritor poderia escrever. Dentre essas cartas, algumas se destacam por fazerem referência a Dona Benta, a personagem avó-leitora e mediadora de histórias.



2. Dona Benta e as cartas de jovens leitores

Muitas dessas cartas tomam a senhora avó como destinatária. Todas pertencem ao acervo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP)². Apresentaremos abaixo algumas delas. A primeira é a carta da pequena leitora Maria Luiza e é endereçada a “Ilma. Dona Benta Encerrabodes de Oliveira e Família”. Vejamos:

Ilma. Sra.

Dona Benta Encerrabodes de Oliveira e Família. Como vão todos aí? Como vai a Emília Balaqueira; Narizinho, a sonhadora; Pedrinho, o aventureiro; Visconde, o sábio embolorado; Tia Nastácia, a dona de todos os “credos” e “fazedora” dos mais gostosos bolinhos; Quindim, o inteligente paquiderme africano; Rabicó, o engole espadas (digo espadas de cascas de abóbora) e a senhora que me parece um tanto assustadiça?

Diga a esse [sic] amiguinhos meus (menos Emília) que quando eu puder irei ajudá-los a “aventurar”, (Aventurar, termo que emprego quando quero dizer –fazer aventuras).

Diga ao meu amigo Monteiro Lobato, se ele for aí, que me desculpe a tardança da resposta a sua carta. Pois não tive coragem de pedir-lhe desculpas diretamente na carta que lhe escrevi.

Maria Luiza

3 palavras dedicadas a Emília em deutsch.

-du- bist- dumm-
von

Maria
Luiza³

Maria Luiza Pereira de Lima, brasileira, nascida em Pelotas, cuja mãe, Marth P. Lima, era francesa, e cujo pai, José Pereira Lima, brasileiro. Ao falar sobre seus pais, na carta de 11/02/1936, informa a Lobato que eles eram todos

²Carta citada por Raquel Afonso Silva em “Conversa de bastidores: a correspondência entre Monteiro Lobato e seus leitores infantis”, disponível em www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/RaquelSilva.pdf, acesso em 26/05/2015. Arquivo Raul de Andrada e Silva, série correspondência passiva, subsérie cartas infantis 1933-1943, CX1-P02-09.

³ Ambas cartas disponíveis no Arquivo Raul de Andrada e Silva/Dossiê Monteiro Lobato/ Série Correspondência Passiva, subsérie Cartas Infantis –Período de 1933-1943, Caixa 1-P02- 08 e 09, respectivamente.

ateus. Quando escreve a carta acima, sem data, tem 12 anos. Dona Benta, considerada destinatária da carta, parece ganhar vida real e possuir, inclusive, família, lembrada como a turminha toda das aventuras. Além disso, a carta vai endereçada ao Sítio, já que a menina Maria Luiza pede a Dona Benta que avise Lobato, *se ele ao Sítio for* (“for aí”), das suas desculpas pela demora da resposta à carta dele. Vemos assim que imaginação e realidade se fundem, bem ao gosto do que Lobato gostava de fazer com seus textos infantis.

Um segunda carta que apresentamos, também do arquivo do IEB, traz Dona Benta como destinatária. Foi escrita por Modesto Marques, talvez um dos mais interessantes correspondentes do escritor. Morava em Tatuí, SP, e sua primeira carta, datada de 10/12/1941, é endereçada à boneca Emília. Nessa época, tinha 12 anos. São mais cinco cartas: segunda, de 28/11/1944, endereçada a Lobato; terceira, de 11/11/1945, também a Lobato; quarta, de 10/12/1945, à Dona Benta; quinta, de 12/12/1945 e sexta, de 17/12/1945, ambas a Lobato. Nas quinta e sexta cartas, diz o garoto a Lobato que lhe escrevera duas cartas, mas não sabia qual enviar. Enviou as duas e pediu ao escritor que lhe devolvesse uma, o que parece não ter ocorrido, já que ambas se encontram no arquivo. O rapaz vê em Lobato seu mentor/tutor de formação e de pensamentos. A carta a seguir é posterior a uma outra escrita metade em português, metade em inglês. Apresenta quatro páginas manuscritas, com alguns grifos do próprio Modesto. Tinha ele, na época, 16 anos. Vejamos:

Tatuí, 10 de Dezembro de 1945

Dona Benta:

O sr. Monteiro Lobato escreveu-me uma carta em que vinha outra que a senhora lhe escreveu a meu respeito.

A senhora é muito camarada. Diz-me (ou melhor, diz ao sr. Lobato) coisas que se eu fosse menos Emiliano, cairia das nuvens de contente. Mas não. Reconheço



que a senhora mentiu (perdão, já explico este termo) mentiu por bondade, mentiu por camaradagem.

Mas, caso a senhora de fato estivesse falando a verdade, ainda mesmo assim faltaria à verdade. Porquê? [sic] Pelo seguinte: não vejo nada de mais na minha maneira de expressar os meus “thoughts”. Acho de menos, pois eu não sou mais muito criança. Acabo de passar para o terceiro ano do colégio, o que equivale pela lei antiga ao segundo ano do pré. De modo que daqui a um ano se Deus quiser (eu gosto desta expressão fatalista) eu ingressarei na Faculdade de Direito de São Paulo! (este ponto de exclamação simboliza minha esperança e meu entusiasmo). Dona Benta, creia que eu tenho muita inveja do seu neto Pedrinho. Como deve ser bom o ter-se uma avó tão culta e tão camarada!

Sabe uma conclusão que eu tirei? Que a senhora é uma “pedagoga revolucionária utópica possível”.

Um momento, já explico. Pedagoga a senhora sabe o que é, por que, se não me engano, foi a senhora mesmo que me ensinou esse termo. Revolucionária, por que o seu “método de camaradagem” não existe ainda no Brasil (talvez mesmo, no mundo). Utópica, por que com a mentalidade dos tais “adultos”, o ensino é uma coisa tão sisuda, tão vital, tão obrigatório, que nos aborrece. O homem só executa bem aquilo que parte de si próprio. Toda coação é contraproducente. O homem é a “Independência ou Morte!” –mas ainda não descobriu isso.

Epa! Creio que perdi o fio da meada. Ah! Não, eu estava dizendo porque acho que o seu método é utópico. É utópico justamente por causa dos tais Ministros da Educação. Eles são “velhos”. Velhos de corpo e de espírito (o que é pior e irremediável).

Finalmente o seu método é possível ou será possível, no dia em que a geração que formou a sua alma e a sua mente por ele pague esse incalculável benefício fazendo a sua propaganda, aconselhando-o e praticando-o.

Dona Benta, quero fazer-lhe um juramento sagrado: “Se eu for alguém algum dia, se algum dia eu tiver ou poder, ou riqueza, ou fama⁴, eu juro, em nome de Monteiro Lobato, meu pai espiritual, que mandarei erigir uma grande estátua em sua honra, o que seria o mesmo que erigi-la à Cultura ou à Pedagogia.

Peço-lhe Dona Benta que medite sobre estas minhas palavras e que saiba que elas não significam uma lisonja (que é a coisa mais vil que Deus criou) nem uma bazófia. É um desejo senão realizável, pelo menos ardente e sincero. Quero com isso pagar não o quanto aprendi, mas apenas a NOVA VISÃO DA VIDA que os seus livros me deram.

Bem, Dona Benta, devo terminar, porquanto a senhora deve ter mais o que fazer, sendo assim, sou o seu neto.

⁴ As três coisas pelas quais o homem vive ou morre (nota original da carta).

Modesto

Marques⁵

Temos aqui um leitor que demonstra uma admiração ímpar por Dona Benta como a avó que ensina a partir do prazer. Além disso, o jovem leitor percebe como essa forma de ensinar estava distante da realidade do ensino no Brasil e ele ainda arrisca, no mundo. Somente Dona Benta sabia cativar com seu modo de ser “pedagoga”, seu método de ensino agradava muito e não aborrecia, ao contrário do que ocorria/ocorre nos bancos escolares.

Vemos que Modesto Marques era seguidor das ideias de Emília: confiar desconfiando. Não temos acesso à carta que ele teria recebido de Dona Benta /Lobato, mas parece haver elogios à pessoa dele e são desses elogios que ele desconfia.

Suas ideias, na sequência, avaliam o método de ensinar da avó que, segundo ele, era revolucionário. Dona Benta, com sua sabedoria e cultura, desenvolve um método que conquista o leitor acentuando-lhe o prazer por aprender e condena o método dos sistemas de ensino vigentes à época que era o de ensinar através da coação. Esses sistemas eram “velhos de corpo e de espírito” e, por isso, contraproducentes.

Finalmente, assegura que o método de Dona Benta poderá ser aplicado no dia em que a geração que nele se formou, como leitores, ajudar a divulgá-lo e a praticá-lo.

E talvez uma das mais sérias cartinhas que Dona Benta recebeu veio destinada ao próprio Lobato, mas que deveria contatá-la para pedir-lhe um favor: ensinar gramática à pobre missivista que estava prestes a fazer uma prova de

⁵ Arquivo Raul de Andrada e Silva/ Dossiê Monteiro Lobato/ Série Correspondência Passiva. Subsérie: cartas infantis – Período 1933-1943- CX1-P02-40

concurso. Trata-se da carta de Wanda Côrtes, de Juiz de Fora. Há, inclusive, na carta, um recorte de programa do concurso enviado pela garota a Dona Benta, pedindo-lhe ajuda nos itens gramaticais que ela diz não entender.

Juiz de Fora, 22-02-1945

Sr. Monteiro Lobato

[...] O objetivo desta é pedir-lhe um grande favor.

Eu quero que o sr. faça o obséquio de pedir à D. Benta que me ensine mais alguma coisa de Português além do que ela já ensinou no livro.

Digo já porque. É porque eu quero inscrever-me num concurso e quase não sei português.

Se ela pudesse fazer-me este obséquio eu ficaria tão satisfeita!

Tenho uma gramática mas infelizmente leio, leio e não entendo nada.

Preciso muito passar neste concurso, pois Papai está desempregado (faz carretos quando têm) e eu ganho uma ninharia onde trabalho.

Tenho certeza de que se ela ensinar-me eu aprenderei.

Já estou estudando matemática e quero fazer tudo para ver se passo.

O senhor acha que ela me ajudará?

[...] Junto a esta vai o programa de Português do Concurso para que d. Benta o veja.

Vou rezar para ela e o sr. e todos os seus para que sejam muito felizes (Sei que o senhor não liga muito para isso, mas tenho fé).⁶

Segue na carta, o seguinte programa:

PARTE1: Escrita, compreendendo: a) Português, constante de correção de textos que apresentem erros relativos a assuntos do seguinte programa:

1-Ortografia oficial. 2-Flexões nominais, principalmente as dos nomes compostos. 3- Pronomes; formas oblíquas e suas colocações na frase. 4-Verbos regulares, irregulares, defectivos e pronominais. Uso impessoal dos verbos haver e fazer. 5-Sintaxe regular de concordância. 6- Regência de verbos usados com mais frequência. Uso da crase (escrito na frente: 'não entendo').

A preocupação com a aprendizagem da gramática deve ter nascido de *Emília no país da gramática*. Embora não seja Dona Benta quem conduza a

⁶ Arquivo Raul de Andrada e Silva. Dossiê Monteiro Lobato. Série Correspondência Passiva. Subsérie: cartas infantis. Período 1944 a 1947.Cx 1-P03-26.

explanação dos conteúdos na história, mas sim o rinoceronte Quindim, a leitora assimila à Dona Benta a capacidade de lhe ensinar os conteúdos gramaticais não dominados. Logo após receber essa carta, datada de fevereiro de 1945, Lobato comenta com Rangel sobre a necessidade da pequena leitora, em carta de 05/03/1945:

A coitadinha, desesperada com o pedantismo dos programas oficiais, recorre a mim para que peça a Dona Benta que lhe explique o ponto. Ora, como eu não sei gramática, sou obrigado a recorrer a uma e aprender o que ela quer que Dona Benta explique, “regência dos verbos mais frequentes”. Eu devo saber isso muito bem, mas não ligo o nome à pessoa. Antigamente você me resolvia as dúvidas gramaticais, quem sabe se ainda tem ânimo de me explicar isso? Por que se eu for ver na gramática sou até capaz de não achar, de tal modo eu me perco naquele bátrio (LOBATO, 1956b, p.366).

Parece-nos que esse comentário demonstra o quanto o próprio Lobato abominava a gramática a ponto de pedir ajuda, assim como a missivista, ao amigo Rangel, mais arguto em nomenclaturas gramaticais, já que era professor de Português. E é essa a postura que encontramos em *Emília no país da gramática*, que tanto parece encantar os leitores: Lobato apresenta uma maneira mais palatável de se conhecer a Gramática, como lembra ao amigo: sabia o conteúdo, mas não conseguia atribuir-lhe as nomenclaturas.

Wanda Côrtes envia uma segunda carta a Lobato cobrando se o escritor já havia conversado com Dona Benta. Vejamos:

Juiz de Fora, 08/03/1945.
Sr. Monteiro Lobato
Recebi hoje a resposta de minha carta.
Obrigada por tudo. Quer dizer o Sr. já falou com D. Benta?
Ela vai ajudar-me?
Não sei quando será o concurso.
Talvez seja em junho.
Eu tinha vontade de ser anjo porque assim não precisaria estudar português, não é mesmo?



Diga a D. Benta que eu cada vez gosto mais dela. [...]
Termino agradecendo desde já ao Sr. e a D. Benta.
A amiga
Wanda Côrtes⁷

Nessa carta, surge-nos a dúvida sobre o quanto a jovem leitora consegue abstrair a realidade da ficção. Wanda estaria apenas tentando convencer o escritor a dar-lhe uma aula de gramática ou acreditaria mesmo na existência de, talvez, uma pessoa que representaria a personagem Dona Benta?

3. Considerações finais

Todas as cartas foram coletadas no Arquivo Raul de Andrada e Silva, no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Esse acervo contém um dossiê formado por cartas infantis, desenhos, cópias de cartas enviadas por Monteiro Lobato aos pais de algumas crianças, cartas de amigos do escritor, recortes de artigos de e sobre Monteiro Lobato e retratos de Monteiro Lobato e familiares. Esses documentos foram enviados por Monteiro Lobato a sua amiga Marina de Andrada Procópio de Carvalho, sobrinha de Raul de Andrada e Silva e estavam reunidos junto ao arquivo do titular.

Referências

LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1956a, 1º tomo.

_____. _____. São Paulo: Brasiliense, 1956b, 2º tomo.

www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/RaquelSilva.pdf, acesso em 26/05/2015.

⁷ Arquivo Raul de Andrada e Silva. Dossiê Monteiro Lobato. Série Correspondência Passiva. Subsérie: cartas infantis. Período 1944 a 1947.Cx 1-P03-27.